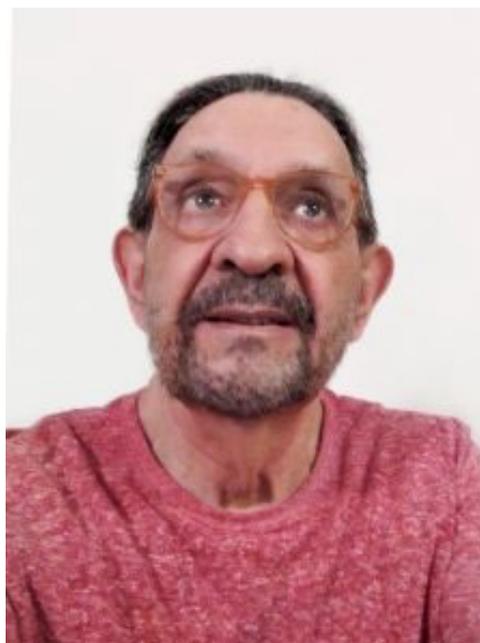


Alfredo Naffah Neto: autobiografia winnicottiana
IBPW/IWA/PUC-SP

Quando comecei a trabalhar como psicanalista, no final dos anos 1990 (acho que por volta de 1996) – depois de clinicar por cerca de vinte anos como psicodramatista –, apoiava-me na perspectiva kleiniana/bioniana, que era a do meu analista (numa análise que durou cerca de dez anos). Mas, por razões que explico na entrevista publicada na presente edição do *Boletim Winnicott no Brasil*, tive de abandonar essa perspectiva e substituí-la pela winnicottiana, o que deve ter acontecido entre 1998 e 2000. Desde então, venho estudando Winnicott, por diferentes motivações, como necessidades provindas da clínica e convites para conferências em colóquios e congressos. Minhas pesquisas da obra de Winnicott são sempre articuladas pela relação interdependente entre teoria e prática clínica, ora partindo de um dos polos, ora do outro, mas sempre produzindo mudanças significativas nos dois universos. Como professor universitário na PUC-SP, utilizo minha docência para estudar ensinando, o que constitui uma forma excelente de unir pesquisa e ensino, produzindo conhecimento e gerando diferentes publicações.



A noção básica da obra de Winnicott, que articulou todas as minhas pesquisas, é a de *experiência* como “um constante trafegar na ilusão, a repetida consecução de um entrejogo, tendo de um lado a criatividade, do outro, o que o mundo tem a oferecer” (Winnicott, 1987/1990, p. 43). A partir dessa noção, na produção de dois artigos (Naffah Neto, 2005 e 2007/2017), vim a entender que, na saúde, todo o processo de amadurecimento se processa do mundo subjetivo em direção ao mundo compartilhado, ou seja, do gesto espontâneo criativo do bebê, capaz de criar o mundo “encontrado”, em direção à capacidade de vir a produzir a externalidade e acreditar num mundo objetivo independente. Mas isso se dá somente com o passar do tempo, considerando a continuidade do processo de amadurecimento. Ou seja, em Winnicott, a construção e a existência de uma unidade psicossomática necessariamente

envolvem diretamente a área da experiência; eu diria até que somente possui existência psíquica aquilo que passa pela experiência e é elaborado imaginativamente no seu interior (vide Naffah Neto, 2012/2017). Não existem, pois, fantasias inatas, transmissões filogenéticas e coisa do gênero, como em Freud e Klein. Tampouco, construções psíquicas de fora para dentro, como em Lacan (o bebê, tendo seu lugar no mundo definido pelo lugar que ocupa no discurso dos pais, por exemplo). Pelo menos, não na saúde.

Acho que foi, pois, a partir dessas conclusões que passei a fazer um estudo comparativo de Winnicott com vários outros psicanalistas: Freud, Klein, Bion, André Green, Roussillon e Lacan, por exemplo (Naffah Neto, 2011/2017; 2012b/2017, 2014a/2017; 2015/2022). Esses estudos comparativos constituem boa parte da bibliografia que publiquei.

Uma outra parte das pesquisas foi ditada por necessidades clínicas, especialmente dirigidas à necessidade de definir, mais precisamente, as doenças psicóticas – as patologias de tipo *borderline* (no sentido amplo do termo), as esquizofrenias e a melancolia –, diferenciando-as das neuroses, das perversões e da tendência antissocial, produtora da delinquência. Nesse sentido, realizei pesquisas diferenciando dois tipos de patologia *borderline*, a esquizoidia e a “personalidade como se” (como vim a nomeá-la, tomando o termo emprestado de Hélène Deutsch, mas redefinindo-o dentro da teoria winnicottiana) (Naffah Neto, 2010a/2017). Em contraposição a essas pesquisas teóricas, vim a realizar, também, dois processos de análise completos, de pacientes diagnosticados a partir dessas duas modalidades, descobrindo, assim, os manejos clínicos característicos tanto do tipo “personalidade como se”, quanto do tipo esquizoidia. Essas análises viraram dois artigos (Naffah Neto, A. 2018a e 2018b). Por outro lado, pesquisei, também, a dinâmica da neurose obsessiva, tal qual entendida por Winnicott, relacionando-a e, ao mesmo tempo, diferenciando-a da melancolia, o que rendeu um outro artigo (Naffah Neto, 2008/2017).

Numa outra direção, mas apoiado na tese de doutorado de uma orientanda, vim a pensar e elaborar uma possível etiologia para a perversão na sua forma criminosa (abuso e assassinato de crianças), usando aí um percurso teórico que vai de Ferenczi a Winnicott (Naffah Neto & Feltrin Inada, 2018c). Aliás, desde o início das minhas pesquisas, venho pensando em Ferenczi como um precursor de Winnicott, tendo inclusive pesquisado e publicado um texto com essa temática (Naffah Neto, 2019a). Nesse sentido, há cerca de alguns anos, venho trabalhando clinicamente nessa linhagem que une Ferenczi a Winnicott.

Sobre tendência antissocial, também realizei pesquisas, utilizando as consultas terapêuticas de Winnicott, o que rendeu uma publicação (Naffah Neto, 2014b).

Isso sem falar nas pesquisas sobre as características do processo psicanalítico winnicottiano: questões ligadas à transferência (Naffah Neto, 2010b/2017), à reconstrução do ambiente traumatogênico da infância (Naffah Neto 2018d.) e à regressão à dependência (Naffah Neto, 2019b).

Por fim, uma outra linha de pesquisas sobre o universo winnicottiano foi ditada pelos convites para participação em congressos e colóquios – em especial, os Congressos Internacionais da IWA e os Colóquios Internacionais de Winnicott, organizados anualmente pelo Instituto Winnicott –, bem como para ministrar conferências, minicursos e *lives*, tanto no canal *Winnicott urgente* como no canal do LipSic (Laboratório Interinstitucional de Intersubjetividade e Psicanálise Contemporânea) do qual participo, ambos no YouTube. Também realizei *lives* no Instagram. Nesse caso, as temáticas das pesquisas foram determinadas pelos convites.

No momento atual, minhas pesquisas continuam a buscar as diferenças de concepção e interpretação ditadas pelas diversas escolas psicanalíticas – como atesta o livro sobre depressão em seis perspectivas psicanalíticas, saído agora em 2022 – bem como pesquisas ditadas pelos temas de meus orientandos (mestrandos e doutorandos), com quem tenho produzido artigos escritos a quatro mãos.

Como conclusão geral, diria que são as minhas pesquisas que conduzem tanto os meus cursos, como professor universitário, como a minha atividade clínica, como psicanalista. Não penso, nesse sentido, que tenha realizado nenhuma pesquisa marginal a esses dois universos.

Referências

- Naffah Neto, A. (2005). Winnicott: uma psicanálise da experiência em seu devir próprio. *Natureza Humana*, 7(2), pp. 433-454.
- Naffah Neto, A. (2007). A noção de experiência no pensamento de Winnicott, como conceito diferencial na história da psicanálise. *Natureza humana*, 9(2), pp. 221-242.
- Naffah Neto, A. (2008). Contribuições winnicottianas à caracterização e à clínica da neurose obsessiva. *Percurso*, (41), pp. 27-36.
- Naffah Neto, A. (2010a). Falso *self* e patologia *borderline* no pensamento de Winnicott: antecedentes históricos e desenvolvimentos subsequentes. *Natureza Humana*, 12(2), pp. 1-18.

- Naffah Neto, A. (2010b). As funções da interpretação psicanalítica em diferentes modalidades de transferência: as contribuições de Winnicott. *Jornal de Psicanálise*, 43(78), pp. 79-90.
- Naffah Neto, A. (2011). A função básica da mãe (e do analista) em Bion e Winnicott, com foco nos conceitos de *rêverie* e *holding*. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 45(3), pp. 119-131.
- Naffah Neto, A. (2012a). Sobre a elaboração imaginativa das funções corporais: o corpo e o *holding* materno na constituição do psico-soma. In N. Coelho Jr., P. Salem e P. Klatau. (orgs.), *Dimensões da intersubjetividade* (pp. 39-56). São Paulo: Escuta.
- Naffah Neto, A. (2012b). René Roussillon e D. W. Winnicott: encontros e desencontros nos interstícios da construção teórica. *Winnicott e-prints*, 7(2), pp. 15-27.
- Naffah Neto, A. (2014a). A problemática da sexualidade infantil, segundo D. W. Winnicott: desfazendo mal-entendidos. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 45(3), pp. 83-94.
- Naffah Neto, A. (2014b). A adolescência com sintomas antissociais e o processo de ressocialização: Winnicott e o caso Peter. *Winnicott e-prints*, 9(2), pp. 105-112.
- Naffah Neto, A. (2015). A carne (chair) como referência ontológica da mãe suficientemente boa: aproximando Merleau-Ponty e Winnicott. *Natureza Humana*, 17(2), pp. 61-74.
- Naffah Neto, A. (2017). *Veredas psicanalíticas: à sombra de Winnicott*. Deutschland/Niency: Saarbrücken.
- Naffah Neto, A. (2018a). Com os pés no chão: sobre como se pode sonhar a conquista de um corpo próprio num processo de análise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 52(2), pp. 141-150.
- Naffah Neto (2018b). Apontamentos sobre a análise de uma paciente esquizoide, de uma perspectiva winnicottiana. *Jornal de Psicanálise*, 51(95), pp. 59,72.
- Naffah Neto, A. & Feltrin Inada, J. (2018c). Trauma infantil e crime sexual: uma análise de caso a partir de Freud, Stoller e da linhagem Ferenczi-Winnicott. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 13(4), pp. 1-11.
- Naffah Neto, A. (2019a). Melanie Klein e Winnicott: porta-vozes das tradições de Abraham e Ferenczi. In E. M. U. Cintra e M. F. R. Ribeiro (orgs.), *Melanie Klein na Psicanálise Contemporânea – teoria, clínica e cultura* (pp. 115-130). São Paulo: Zagodoni.
- Naffah Neto, A. (2019b). Em primeira pessoa. *Natureza Humana*, 21(2), pp. 211-219.
- Naffah Neto, A. (2022). Darkness Visible: uma interpretação da patologia depressiva a partir de D. W. Winnicott. In A. P. Almeida e A. Naffah Neto (orgs.), *Perto das trevas – a depressão em seis perspectivas psicanalíticas* (pp. 201-226). São Paulo: Blucher.